

DAVID FOSTER WALLACE E ROBERTO BOLANO:
DOIS DISCURSOS EM BUSCA DO OUTRO

Raquel Parrine

Universidade de Brasilia

Resumo: Em seu famoso discurso em *Kenyon College*, David Foster Wallace faz uma defesa do estudo das Artes Liberais. Para ele, precisamos aprender que há uma escolha entre pensar o mundo de maneira automática, em que o eu é o centro de todas as narrativas da experiência, e imaginar a experiência do Outro, como alternativa. A capacidade de imaginar o mundo a partir do ponto de vista do Outro, segundo Foster Wallace, constitui a verdadeira liberdade. Em outro discurso célebre, Roberto Bolaño afirma que sua obra é uma canção de amor ou despedida à sua geração, especialmente aos jovens latino-americanos que morreram em favor dos seus ideais, durante as ditaduras militares dos seus respectivos países. O canto desses jovens é o amuleto dos autores de sua geração. Ambos discursos demonstram uma tentativa de, por meio da literatura, se chegar à experiência do Outro – entretanto, será que esses esforços podem ser considerados bem sucedidos?

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade, Roberto Bolaño, David Foster Wallace, Emmanuel Levinas

Abstract: In his famous speech at Kenyon College, David Foster Wallace defends the study of liberal arts. According to him, we must learn that there is a choice between thinking the world in our standard setting, in which the “I” is the center of all narratives, and to imagine the other’s experience, alternatively. The capacity to imagine the world from somebody else’s perspective, according to Foster Wallace, constitutes the true freedom. In another famous speech, Roberto Bolaño states that his work is a song of love or farewell to his generation, especially to the Latin-American youth that were killed for their ideals during the dictatorships in their respective countries. The chanter of those youths is the amulet of the authors of his generation. Both speeches demonstrate an effort to reach for the experience of the other through literature. However, could those attempts be considered successful?

KEYWORDS: Alterity, Roberto Bolaño, David Foster Wallace, Emmanuel Levinas

*“La realidad es como um padrote drogado em medio
de una tormenta de truenos y relámpagos”
Roberto Bolaño, 2666, p. 765*

1. Introdução

O ponto de partida deste texto é a obra do filósofo lituano Emmanuel Levinas. Ainda que esta obra tenha um alicerce homogêneo, qual seja, o estabelecimento das possibilidades filosóficas da ética como *prima filosofia*, há momentos de formulações mais nebulosas. Este é o caso dos seus escritos sobre literatura. Existe um primeiro Levinas, dos anos 40, saído da guerra, que afirma categoricamente que a arte não pode ser o valor supremo da civilização, uma vez que ela pode dizer tudo e inclusive ignorar o chamado inapelável do Outro. Entretanto, existe também um Levinas, dos

anos 50 e 60, muito mais parcimonioso, que olha com carinho para a obra de Paul Celan, Blanchot, Laporte, Agnon¹ – para este Levinas, o poema pode ser “um aperto de mão”.

Este ensaio voluntariamente tomará partido do primeiro Levinas, de *A realidade e sua sombra*, que responde a Jean Paul Sartre e sua literatura engajada com uma exposição sobre os limites éticos do discurso artístico. Alinho-me com este Levinas, porque me parece que a questão do literário como uma ameaça ética está no centro do fazer artístico contemporâneo, em forma de um desconforto localizado numa linguagem que reflete a ansiedade da representação, a necessidade do encontro e a urgência da justiça.

Nesta linha, proponho uma leitura de dois discursos célebres de dois autores americanos mortos nos anos 2000: Roberto Bolaño e seu “Discurso de Caracas” e David Foster Wallace e seu “This is water”.

2. A parte dos discursos

Em “This is water”, o escritor norte-americano David Foster Wallace propõe o que ele chama de defesa da “educação liberal humanista”. Dirigindo-se aos formandos de *Kenyon College*, ele começa com uma anedota: um peixe mais velho pergunta a outro peixe “como está a água?” e o mais novo responde “água, o que é água?”. A piada fica suspensa, mas, de alguma forma, provoca a plateia de forma a esperar um discurso lúdico, leve e espirituoso².

Foster Wallace parte do pressuposto de que o pensamento humano se dirige, a princípio, unicamente para si – nossas necessidades e desejos são sempre urgentes, enquanto o caminho para pensar no sentimento dos outros é menos natural, mais difícil e menos urgente. Desta forma,

I submit that this is what the real, no bullshit value of your liberal arts education is supposed to be about: how to keep from going through your comfortable, prosperous, respectable adult life dead, unconscious, a slave to

1. Vide Robbins (1999).

2. No contexto do seu proferimento, este discurso foi apresentado mediante diversas transcrições, que apresentam

your head and to your natural default setting of being uniquely, completely, imperially alone day in and day out. (FOSTER WALLACE, 2012)³

A sós na nossa “quitinete de marfim”⁴, no império absoluto do eu, onde tudo é familiar, semelhante e nada pode nos ameaçar – é assim que Foster Wallace continua descrevendo o dia-a-dia do trabalhador assalariado, que vai fazer compras, depois do expediente, em um hipermercado superiluminado, abarrotado de pessoas mal humoradas e apressadas. Este é o momento-chave, segundo o escritor:

The point is that petty, frustrating crap like this is exactly where the work of choosing comes in. Because the traffic jams and crowded aisles and long checkout lines give me time to think, and if I don't make a conscious decision about how to think and what to pay attention to, I'm going to be pissed and miserable every time I have to food-shop, because my natural default setting is the certainty that situations like this are really all about me, about my hungriness and my fatigue and my desire to just get home, and it's going to seem, for all the world, like everybody else is just in my way

Assim, seria justamente na fila do supermercado, ou no engarrafamento – possivelmente as duas situações que menos inspiram reflexões profundas e compassivas sobre a alteridade – que se colocaria a escolha: posso seguir pensando na minha vida através da minha quitinete de marfim, minha “configuração padrão”; ou posso optar por humanizar as faces dormentes que se apresentam diante de mim, imaginando que as vidas delas podem ser mais duras ainda do que a minha. Esta segunda opção é, segundo o autor, improvável, mas não impossível.

If you're automatically sure that you know what reality is and who and what

diferenças substanciais. Após a morte do autor, a versão oficial, ou seja, publicada em livro, foi editada e muitos trechos, cortados. Em uma destas transcrições Foster Wallace afirma “*This is a standard requirement of US commencement speeches, the deployment of didactic little parable-ish stories. The story [“thing”] turns out to be one of*

is really important - if you want to operate on your default setting - then you, like me, will not consider possibilities that aren't pointless and annoying. But if you've really learned how to think, how to pay attention, then you will know you have other options. It will be within your power to experience a crowded, loud, slow, consumer-hell-type situation as not only meaningful but sacred, on fire with the same force that lit the stars - compassion, love, the sub-surface unity of all things.

Para prestar atenção no Outro, é necessário atropelar nossa convicção de que conhecemos toda a realidade, em outras palavras, passar por cima da automatização e da naturalização da filosofia que compõe o nosso dia a dia. Este caminho não automatizado é também aprendido, só assim podemos perceber que há uma escolha. É claro que a nossa programação padrão não vem do vácuo. Ela é alimentada pelo mundo em que vivemos. Segundo Foster Wallace,

...the world will not discourage you from operating on your default settings, because the world of men and money and power hums along quite nicely on the fuel of fear and contempt and frustration and craving and the worship of self. Our own present culture has harnessed these forces in ways that have yielded extraordinary wealth and comfort and personal freedom. The freedom to be lords of our own tiny skull-sized kingdoms, alone at the centre of all creation.

Nosso comportamento automático é o combustível de uma sociedade baseada no medo, na frustração, no desprezo e no culto individualista. Neste mundo, nossa liberdade só cabe, só é válida, dentro de nós mesmos, dentro do pequeno espaço onde somos soberanos. Somos livres na nossa solidão patológica no Mesmo. Segue o discurso

the better, less bullshit conventions of the genre...” (FOSTER WALLACE, 2013)

3. Todas as citações são oriundas da versão publicada no *The Guardian* em 2012, a não ser que esteja indicado de outra

The really important kind of freedom involves attention, and awareness, and discipline, and effort, and being able truly to care about other people and to sacrifice for them, over and over, in myriad petty little unsexy ways, every day. (...) The alternative is unconsciousness, the default setting, the "rat race" - the constant gnawing sense of having had and lost some infinite thing.

Temos duas liberdades: a de sermos senhores do nosso reino, que tem a medida da nossa própria cabeça, ou a liberdade “mais preciosa”, cujo acesso está, de alguma forma, escondido por uma sociedade que valoriza o medo, o desprezo pelos outros e a veneração por si mesmo, o sucesso e o exibicionismo. Uma liberdade decorre da nossa programação padrão, não exige nenhum esforço e dá origem a um sentimento de se ter perdido algo. A outra liberdade é conquistada, envolve sacrifício e disciplina.

O discurso termina com um trecho editado após a morte do autor, que só permaneceu em algumas versões da transcrição, como esta, publicada na Revista Piauí, já traduzida ao português

A verdade com V maiúsculo diz respeito (...) a chegar aos 30 anos, ou talvez aos 50, sem querer dar um tiro na própria cabeça. Diz respeito à consciência - consciência de que o real e o essencial estão escondidos na obviedade ao nosso redor - daquilo que devemos lembrar, repetindo sempre: "Isto é água, isto é água."/É extremamente difícil lembrar disso, e permanecer consciente e vivo, um dia depois do outro. (FOSTER WALLACE, 2008)

Finalmente, conclui-se a piada do começo do texto: “isto é água”, aquilo que está em toda a nossa

forma.

4. Título de um livro do escritor brasileiro Marcelo Mirisola.

volta e por sua ubiquidade, justamente por sua onipresença, passa a ser imperceptível, naturalizado em nosso comportamento, por isso difícil de ser posto em xeque pela reflexão e pela filosofia.

“It is unimaginably hard to do this, to stay conscious and alive in the adult world day in and day out. Which means yet another grand cliché turns out to be true: your education really is the job of a lifetime. And it commences: now.” Este, enfim, é o grande ponto do texto: que a educação – ética, eu diria – é uma demanda, antes que um processo que encontrou seu fim. É um clichê neste sentido, algo que aparentemente termina e, entretanto, é um processo sem fim. Em outro sentido, mais do que isso, fala-se também de compromisso. Se a educação é um trabalho para a vida toda, “toda” também tem um sentido espacial: é um trabalho no supermercado, no trânsito, na vida real; é um exercício de reflexão e de compromisso com o Outro.

Este também é um ponto nevrálgico do pensamento de Levinas. Ricardo Timm de Souza observa que “...a categoria fundamental do pensamento levinasiano é a *Alteridade*, ou seja, uma incômoda presença *a mim*, o Mesmo, de Outro – alter – para além da minha capacidade de representá-lo e inclusive de *pensá-lo*.” (SOUZA, 2013, p. 7). O filósofo lida com a angústia da impossibilidade da representação do Outro, que, ao mesmo tempo é aquele que funda o ser. O Outro me rapta, me chama para uma responsabilidade ética para a qual estou sempre implicado. Daí a necessidade, ao mesmo tempo, do encontro, traumático, entre o Mesmo e o Outro. Para Levinas, esta tentativa de encontro só é possível mediante rompimento de algo similar ao “programa padrão” de David Foster Wallace. Neste caso, seria uma ruptura do “pensamento [que] funciona normalmente em termos de paulatinas, árduas e grandiosas sínteses, ou seja, pelo processo de redução de Outro ao Mesmo” (SOUZA, 2013, p. 1) no sentido de encontrar o infinito ético, o Outro. Este encontro, entretanto, é feito em uma distância infinita, no sentido de que o Outro é aquele que nunca já esteve. Segundo Timm de Souza

“Outro” é o que nunca antes esteve presente ao nosso encontro, ou seja, o que inelutavelmente rompe traumáticamente meu solipsismo, na medida em que chega de *fora*, fora do âmbito dilatado de meu poder intelectual, de meu narcisismo e de sua tendência de considerá-lo – a Outro – nada mais do que uma representação lógica ou desdobramento inferencial de meu intelecto. (SOUZA, 2013, p. 1)

Vou ensaiar uma aproximação entre este encontro traumático com o Outro, de Levinas, e a liberdade verdadeira de Foster Wallace. Para o escritor norte-americano, a liberdade falsa – ou seja, oposta à “verdadeira” – é aquela que só vale num pequeno reino do tamanho da minha caveira, o que me leva a pensar que tudo o que acontece é sobre mim, meus desejos e minhas necessidades e que transforma, conseqüentemente, o Outro num obstáculo a esses desejos. O Outro, portanto, é o personagem coadjuvante da Realidade. Esta forma de pensar é consequência do pensamento “automático”, que surge sem esforço e tende a inspirar a maior parte das minhas decisões inconscientes. Neste caso, pensando em Levinas, este domínio do tamanho da minha caveira é o reino do Mesmo. O conforto do pensamento automático é assim dado porque evita o encontro traumático com a alteridade, evita o vislumbre de algo completamente e radicalmente exterior, não-redutível ao Mesmo. Esta distância infinita entre o Mesmo e o Outro é a própria presença do Outro (SOUZA, 2013, p. 1).

A partir deste paradoxo – a necessidade da presença do Outro que nunca é presente –, chegamos à parte mais delicada deste ensaio de comparação. Para Foster Wallace, temos a decisão de deixar o pensamento automático e partir para o pensamento do Outro como Outro, como protagonistas das nossas realidades. Ele também percebe que a presença do Outro é um Rastro: “...who are all these people in my way? (...) how repulsive most of them are and how stupid and cow-like and dead-eyed and nonhuman they seem...” – quase fantasmas nos seus não-parentescos com o Mesmo. Entretanto, para o escritor, existe a opção de imaginar a realidade do Outro, uma

realidade complexa, humana, ética:

it's not impossible that some of these people in SUVs have been in horrible car accidents in the past and now find driving so traumatic that their therapist has all but ordered them to get a huge, heavy SUV so they can feel safe enough to drive.

Poderíamos, neste ponto, formular algumas perguntas: qual seria o papel na imaginação na procura pelo Outro? Ou melhor: qual é o papel da habilidade do Mesmo de produzir ficções do Outro no caminho para o infinito ético? Esta é uma das chaves de leitura de “*This is water*” e dos enigmas que o discurso traz para a discussão sobre a literatura do século XXI.

É difícil pensar num texto que represente tão bem a profunda solidão da vida adulta. Nos trechos narrativos sobre o supermercado, por exemplo, não há nenhum elemento que não faça parte da vida cotidiana da maioria de nós. Difícil não imaginar que este discurso representa a necessidade da busca de uma comunidade, ou o desejo desta comunidade nas nossas pequenas atitudes, versus o nosso isolamento natural – afinal, respiramos a mesma fumaça dos caminhões, os nossos olhos piscam com as luzes fluorescentes e os ouvidos igualmente se irritam com a trilha sonora irritante dos *shopping centers*.

Este artigo não vai versar sobre o terrível ponto final deste discurso. Mas é impossível não pontuar o fato de que Foster Wallace, aquele homem jovem de cabelo longo, se matou aos 46 anos. Um desfecho fatal para um texto que, justamente, postula a alteridade como fuga do suicídio, do império solitário do eu. A pergunta inevitável e impossível é: o suicídio foi a falência do projeto de pensar “a força que acende as estrelas”? Será que a empatia, como metodologia, é impossível? A transcrição do discurso tem como subtítulo: “*Some Thoughts, Delivered on a Significant Occasion, about Living a Compassionate Life*”, o que traz a pergunta: será possível a com-paixão, o sofrer

junto? Foster Wallace parece às vezes duvidar:

Não pensem que estou me preparando para fazer um sermão sobre compaixão, desprendimento ou outras "virtudes". Essa não é uma questão de virtude - trata-se de optar por tentar alterar minha configuração padrão original, impressa nos meus circuitos. (FOSTER WALLACE, 2008)

Será que é realmente disso, de compaixão, que ele está falando, mesmo quando o sofrimento do Outro é somente intuído? Ou melhor, será que a literatura, a narrativa, pode ser um caminho para uma vida em com-paixão?

Em outro discurso bastante célebre, Roberto Bolaño faz emocionar o mais glacial dos críticos literários. No já canônico “Discurso de Caracas”, o escritor chileno aceita o prêmio Rómulo Gallegos, um dos mais importantes lauréis da literatura hispano-americana, por uma de suas obras-primas, o romance *Los detectives salvajes* (1998). Proferido talvez no auge da sua carreira literária em vida, o discurso se tornou conhecido como uma espécie de âncora para se entender o projeto estético do autor, bem como a sua visão de literatura, ou da literatura especificamente hispano-americana.

Talvez interesse apontar um preâmbulo sobre a forma. Os textos de Bolaño em geral – tanto os ficcionais quanto os não ficcionais – variam, dentro de si mesmos, o tom. O discurso, por exemplo, começa com uma digressão pseudo-memorialista dos tempos da juventude do autor e da descoberta da sua dislexia, o que o levaria, para sempre, a confundir a capital da Venezuela com Bogotá.

Para mí, lo más lógico era que la capital de Venezuela fuera Bogotá. Y la capital de Colombia, Caracas. ¿Por qué? Pues por una lógica verbal o una lógica de las letras. La v del nombre Venezuela es similar, por no decir familiar, a la b de Bogotá. Y la c de Colombia es prima hermana de la c de

Caracas. (BOLAÑO, 2006, p. 33)

Neste começo, Bolaño soa como um escritor iniciante e o conteúdo beira o banal – para o leitor, seria uma experiência de leitura colateral, que não exige muita energia, e que vai tomando a tangente (uma tangente infinita) do que pareceria o tema central. Esse recurso é caro para autores latino-americanos como César Aira e Mario Levrero, uma estética do tédio. O efeito da leitura colateral no texto é que o argumento fica extremamente difuso e a narrativa, irregular. Nem sempre temos certeza do que está sendo dito – seria uma metáfora? Uma digressão? Uma confissão pessoal?

O segundo preâmbulo é que, como Foster Wallace, Bolaño também joga com o gênero palestra. Se o autor estadunidense ensaia uma anedota, o chileno usa toda a sua energia colateral para contar a sua

...llegando en cierta ocasión, en México, durante una conferencia sobre poetas urbanos de Colombia, a hablar de la potencia de los poetas de Caracas, y la gente, gente tan amable y educada como ustedes, se quedó callada a la espera de que tras la digresión sobre los poetas caraqueños pasara a hablar de los poetas bogotanos, pero lo que yo hice fue seguir hablando de los poetas caraqueños, de su estética de la destrucción, e incluso los comparé con los futuristas italianos, salvando las distancias, claro, y con los primeros letristas, el grupo de Isidore Isou y Maurice Lemaître, el grupo del que saldría el germen del situacionismo de Guy Debord, y la gente a esas alturas empezó a hacer cábalas, yo creo que pensaban que los bogotanos se habían trasladado en masa a Caracas, o que los caraqueños habían tenido un papel determinante en este grupo de nuevos poetas bogotanos, y cuando di por terminada la conferencia, con un final abrupto, tal como entonces me gustaba acabar cualquier conferencia, la gente se levantó, aplaudió tímidamente y se marchó corriendo a consultar el afiche de la entrada, y cuando yo salí, acompañado por el poeta mexicano

Mario Santiago, que siempre iba conmigo y que seguramente se había dado cuenta de mi error aunque no me lo dijo por que para Mario los errores y los gazapos y los equívocos eran como las nubes de Baudelaire que pasan por el cielo, es decir que hay que mirar pero no corregir, al salir, decía, nos encontramos con un viejo poeta venezolano, y cuando digo viejo recuerdo ese momento y el poeta venezolano probablemente era más joven de lo que yo soy ahora, que nos dijo con lágrimas en los ojos que tenía que haber un error, que él jamás había oído ni una palabra sobre esos poetas misteriosos de Caracas./A estas alturas del discurso presiento que don Rómulo Gallegos debe estar revolviéndose en su tumba. Pero a quién le han dado mi premio, estará pensando. Perdona, don Rómulo. (BOLAÑO, 2006, p. 33-34)

Eis a escritura colateral: um discurso formado por orações relativas e uma profusão de subordinadas; dados que não agregam, aparentemente, nada à narrativa, como as nuvens de Baudelaire; pontuação que evidencia a digressão; autores clássicos citados ao lado de outros completos obscuros; a força de um eu que comanda a narrativa, mas que paradoxalmente não é o seu centro; o humor esparso com certa dose de cinismo. A escritura colateral, com seu argumento dissolvido, parece, a princípio, sem destino – assim, o tom pode mudar, às vezes devagar, às vezes abruptamente. Neste discurso, o tom muda para que “Dom Rómulo não fique mais chateado”.

Se David Foster Wallace fala sobre virtude, ou melhor, preocupa-se um pouco demais em fazer um discurso que *não seja* sobre virtude e *não seja*⁵ um sermão sobre a moral, Bolaño fala sobre honra, talvez uma ideia ainda mais problemática.

A menudo nuestra forma de ensalzarlo es maldecir la mala hora en que decidimos ser escritores, pero por regla general más bien aplaudimos y bailamos cuando estamos solos, pues éste es un oficio solitario, y recitamos para nosotros mismos nuestras páginas y ésta es la forma de ensalzarnos y no

5 “Nada disso envolve moralidade, religião ou dogma.” (FOSTER WALLACE, 2012)

necesitamos que nadie nos diga lo que tenemos que hacer y mucho menos que tras una encuesta nuestro oficio sea elegido el oficio más honroso de todos los oficios. (...) La literatura es un oficio peligroso. (...) Esto que quede claro, pues como los veteranos del Lepanto de Cervantes y como los veteranos de las guerras floridas de Latinoamérica mi única riqueza es mi honra. Lo leo y no lo creo. Yo hablando de honra. (BOLAÑO, 2006, p. 38)

Bolaño se surpreende ao ver a si mesmo falando de honra, o que talvez demonstre ironia e suspenda o texto em um diálogo com alguma outra coisa que não podemos precisar. De qualquer forma, o ato de escrever, para ele, se inscreve na solidão absoluta do mundo, e talvez, pensando com Foster Wallace, o escritor seja o mais solitário dentro da multidão solitária em seus pequenos reinos do tamanho de uma caveira.

Além de soberanos da nossa própria solidão, somos ainda outra coisa, ao menos nós, jovens latino-americanos, que é a quem, desta vez, Bolaño se dirige – em oposição à turma de formandos de Foster Wallace. Este talvez seja o trecho mais famoso de “O discurso de Caracas”:

... en gran medida todo lo que he escrito es una carta de amor o de despedida a mi propia generación, los que nacimos en la década del cincuenta y los que escogimos en un momento dado el ejercicio de la milicia, en este caso sería más correcto decir la militancia, y entregamos lo poco que teníamos, lo mucho que teníamos, que era nuestra juventud, a una causa que creímos la más generosa de las causas del mundo y que en cierta forma lo era, pero que en la realidad no lo era. De más está decir que luchamos a brazo partido, pero tuvimos jefes corruptos, líderes cobardes, un aparato de propaganda que era peor que una leprosería, luchamos por partidos que de haber vencido nos habrían enviado de inmediato a un campo de trabajos forzados, luchamos y pusimos toda nuestra generosidad en un ideal que hacía más de cincuenta años que estaba muerto, y algunos lo sabíamos, y cómo no lo íbamos a saber si habíamos leído a Trotski o éramos trotskistas, pero igual lo hicimos, porque fuimos estúpidos y generosos,

como son los jóvenes, que todo lo entregan y no piden nada a cambio, y ahora de esos jóvenes ya no queda nada(...). Toda Latinoamérica está sembrada con los huesos de estos jóvenes olvidados. (BOLAÑO, 2006, p. 38)

Para Bolaño, nós vivemos em um cemitério, pisamos nas caveiras de jovens nascidos nos anos 50, estúpidos e generosos, que colocaram seu sangue em ideais falidos. Jovens que davam tudo e não pediam nada em troca – os personagens de *Los Detectives Salvajes*, contados às dezenas, como se estivessem entrevistando todos os jovens da América Latina. São eles mesmos que empreenderão uma marcha para o abismo, cantando uma canção de guerra e de morte, no romance *Amuleto*. A ideia de geração falida e honrada é o coração da obra, de outra forma desigual e errática, de Bolaño. É um projeto estético endereçado a esta perda, que fala a partir do luto de toda uma geração latino-americana, cujo único traço indentitário continental talvez seja o estupendo fracasso. Não é à toa que Bolaño fala de “carta”, sua obra é uma carta de amor ou despedida – qual é a diferença entre amor e despedida? – para a sua geração. Existe uma dimensão de alteridade, um falar-para-outrem, que está sempre subentendida.

Bolaño se dirige às caveiras dos jovens latino-americanos como o faz ao seu melhor amigo, Mario Santiago, personalizado em seus romances como Ulises Lima. Mesmo sabendo de sua morte, entendendo a inutilidade do seu ato, bate à porta do amigo em “Muerte de Ulises”

Aquí vivió Ulises sus últimos días, piensa [Arturo Belano], cuando toca el timbre tiene la irrazonable esperanza de oír al otro lado los pasos de su amigo que se acerca y luego ver su rostro sonriente asomándose a la puerta entreabierta./Nadie contesta a su llamada. (BOLAÑO, 2007-b, p. 164)

A narrativa segue, torturante, enquanto os vizinhos de Ulises, incomodados pelo som do interfone, o deixam entrar e fazem sala para ele, numa conversa tediosa e infinita: “Después [Arturo] se ve a sí

mismo, como si estuviera contemplando una película tan triste que él jamás iría a ver, en el interior del departamento de los gordos, atendidos por éstos...” (BOLAÑO, 2007, p. 168). Será que toda a narrativa de Bolaño é uma conversa, tediosa e infinita, com uma geração de jovens que nunca poderá ouvi-lo?

3. A parte do chamado do Outro

Segundo Edith Wyschogrod,

Reading Levinas is never a solitary act but always already includes an Other who is not an authorial presence but an intruder who penetrates the interiority of the subject as proscribing violence and mandating radical altruism. (WYSCHOGROD, 2000, p. IX).

Se, no texto de Levinas, sempre aparece um interlocutor, um Outro que invade o discurso, também é assim com Bolaño. O “Discurso de Caracas” e o romance *Los detectives salvajes* parecem ter como interlocutor oculto (ou mal ocultado) a geração de Bolaño, as jovens vítimas dos golpes militares latino-americanos.

Outra vez, a leitura precisa de Edith Wyschogrod afirma que “To read Levinas, to really read him, is to allow oneself to be claimed by a text whose predicative statements may be concealed imperatives” (WYSCHOGROD, 2000, pp. ix-x). Assim, pode ser que a literatura não seja o caminho para o Outro, mas ela com certeza *pode* ser o apelo para o caminho para o Outro, uma espécie de comando imperativo, como é o texto de Levinas. A literatura provavelmente não é ética por sua própria natureza, por isso exige do autor um esforço consciente em direção à ética. Vejo isso claramente nos textos de que tratamos neste ensaio: “*This is Water*” e “O discurso de Caracas” apresentam uma dimensão ética que não podemos ignorar.

Ainda em relação à forma do texto de Levinas, Wyschogrod segue:

...in Levinas' view, exegesis necessitates the reader's intervention, the eliciting of meanings that are not predetermined, and presupposes that texts contain more than they contain. The exegesis of his own writings is not exempt from his textual expansiveness. Perhaps interpreting Levinas' ethical metaphysics today is to read him proleptically, even messianically in Derrida's sense of the term as heralding a future that will never arrive but whose advent is object of a intense desire. Such a desire is not a conatus for the realization of some specifiable value – Levinas does not fail to make room for justice as the sphere where wrongs can be redressed and values concretely actualized – but an inherently unfulfillable yearning for the Good beyond being. (WYSCHOGROD, 2000, pp. ix-x)

O que chama a atenção neste texto é o caráter messiânico dos escritos de Levinas, descritos como um desejo profundo, um “*yearning*”, anseio, por uma justiça. Os textos contêm mais do que contêm, porque dentro deles há este anelo, que os supera. Este anseio está presente também em “*This is water*” e em “O discurso de Caracas”.

Bolaño e Wallace são dois autores que reconhecem a alteridade levinasiana, a ameaça ética e a impossibilidade de a literatura responder ao apelo do Outro. Ao pensar no “*default setting*”, Foster Wallace reconhece que nossa primeira reação ao Outro é a indiferença e a egolatria. Assim, o esforço de produzir uma ficção lançada à diferença, a história do motorista da SUV e da mulher na fila do supermercado, propõe que a literatura seja um esforço consciente em direção ao Outro. Uma tentativa que é sempre parcial, frustrada, por uma pré-disposição, uma educação automática, que a frustra. Seria, pensando com Levinas, uma tentativa de endereçar-se ao chamado, impossível de ser respondido, da alteridade. É significativo, portanto, que a literatura não seja, confortavelmente, a resposta a este chamado. Neste sentido, Foster Wallace parece ecoar o Levinas que diz que a literatura não deve ser o valor supremo da civilização.

Bolaño também ecoa Levinas na figura do canto que é um amuleto de uma geração. A obra dele, claramente, é uma tentativa de responder a este canto. Entretanto, mais uma vez, esta obra é embargada, fragmentada, indecisa. Da obra de Bolaño não emerge uma proposta política óbvia, como um romance de formação. Ao contrário, América Latina parece ser formada por ternos fascistas e nossa violência vem de uma genealogia do mal, como podemos ver em *Literatura nazi en America e 2666*. Assim como em Foster Wallace, o Outro é um rastro cuja presença/ausência não pode ser simplesmente completada com uma representação artística clara e a literatura assume o risco de tentar responder à demanda ética do sofrimento do Outro. Assume o risco, inclusive, de não ser apta a esta demanda

Referências

BOLAÑO, R. **Amuleto**. Barcelona: Anagrama, 1999.

Muerte de Ulises. In: **El secreto del mal**. Barcelona: Anagrama, 2007.

Discurso de Caracas. In: **Entre paréntesis**. Barcelona: Anagrama, 2006.

FOSTER WALLACE, D. “Transcription of the 2005 Kenyon Commencement Address - May 21, 2005”. Disponível em: http://web.archive.org/web/20080213082423/http://www.marginalia.org/dfw_kenyon_commcement.html . Acesso em: 13 de agosto de 2013

“This is water?”. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/books/2008/sep/20/fiction>. Acesso em: 04 de dezembro de 2012.

A liberdade de ver os outros. **Revista Piauí** nº 25, 2008.

LEVINAS, E. **La realidad y su sombra**. Madri: Editorial Trotta, 2001.

ROBBINS, J. **Altered Reading: Levinas and Literature**. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

SOUZA, R. Timm. (Outro) texto. **Revista O mutum**. nº 1. (No prelo)

WYSCHOGROD, E. **Emmanuel Levinas: the Problem of Ethical Metaphysics**. 2ª ed. Nova York: Fordhan University Press, 2000.